

Conflitualidade na África – uma temática atemporal**Conflict in Africa - a timeless theme**

DOI:10.34117/bjdv5n7-017

Recebimento dos originais: 11/05/2019

Aceitação para publicação: 10/06/2019

Alan da Silva Vinhaes

Mestrando pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente

Endereço: Rua Roberto Simonsen, 305 - Centro Educacional - P. Prudente/SP - CEP 19060-900

E-mail: asvinhaes2013@gmail.com.

Tamires Regina Rocha

Graduanda pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente

Endereço: Rua Roberto Simonsen, 305 - Centro Educacional - P. Prudente/SP - CEP 19060-900

E-mail: tamiresrerocha@hotmail.com

RESUMO

Ao longo do período do neocolonialismo, houve a divisão da África em fronteiras “artificiais”, em conformidade com interesses dos europeus. Deste modo, os acentuados conflitos existentes na África (alguns que se penduram até os dias atuais), são ocasionados por problemas territoriais, devido as delimitações de fronteiras definida pelos europeus na época da colonização, neste processo, fatores como identidade cultural das tribos não foram consideradas, favorecendo para o conflito de etnias no continente, afinal, tribos aliadas foram separadas e tribos inimigas foram unidas. Toda esta conjuntura proporciona consequências, como a fome, guerras civis, corrupções e epidemias, em que, vive grande parte da população africana. Sendo assim, o presente artigo, visa analisar o continente africano considerando os principais conflitos existentes nos dias atuais, pois a conflitualidade é atualmente um fenômeno sem fronteiras e atemporal, em que, as fronteiras não limitam as causas nem as consequências dos conflitos.

Palavras-chave: neocolonialismo; fronteiras artificiais; conflitualidade.

ABSTRACT

Throughout the period of neocolonialism, there has been the division of Africa into "artificial" frontiers, in accordance with the interests of Europeans. In this way, the marked conflicts existing in Africa (some that hang until the present day), are caused by territorial problems, due to the delimitations of borders defined by the Europeans at the time of the colonization, in this process, factors like cultural identity of the tribes were not considered, favoring the ethnic conflict on the continent, after all, allied tribes were separated and enemy tribes were united. All this conjuncture brings consequences, such as hunger, civil wars, corruption and epidemics, in which a large part of the African population lives. Thus, this article aims to analyze the African continent considering the main conflicts that exist today, because conflict

is currently a phenomenon without frontiers and timeless, where borders do not limit the causes and consequences of conflicts.

Keywords: neocolonialism; artificial borders; conflictuality.

1 INTRODUÇÃO

A África é palco de uma série de conflitos, consequência da intervenção colonialista principalmente no fim do século XIX início do século XX. Este processo de intervenção interferiu diretamente nas condições políticas, econômicas sociais da população africana, que afetam até os dias atuais.

A divisão territorial do continente teve como critério apenas os interesses dos colonizadores europeus, desprezando as diferenças étnicas e culturais da população local. Diversas comunidades, muitas vezes rivais que historicamente viviam em conflitos, foram colocadas num único território, enquanto grupos de mesma etnia foram separados.

Com o término da Segunda Guerra Mundial, ocorreu um intenso processo de independência das nações africanas. Porém, novos países se formaram sobre mesma base territorial construída pelos colonizadores europeus, desrespeitando a cultura e a história das comunidades, consequentemente inúmeros conflitos pela disputa de poder foram desencadeados no interior desses países.

As metodologias utilizadas para o desenvolvimento do artigo foram: levantamento bibliográfico a partir da temática em questão (Conflitualidade da África) e coleta de dados de fonte secundária (econômicos e políticos) em *sites* de organizações internacionais, como por exemplo, Organização das Nações Unidas (ONU).

O artigo encontra-se estruturado em cinco seções, além da introdução, considerações finais e referências bibliográficas. Na primeira seção uma abordagem sobre o conceito de conflito; na segunda, características da África, considerando as teorias da Geopolíticas Clássicas; na terceira seção, os determinantes que levaram a ocorrer os conflitos na África; na quarta, abordagem dos principais conflitos africanos, considerando os aspectos étnicos, territoriais, religiosos, de recursos naturais, etc. E por fim, a última seção, abordando possíveis soluções para o término dos conflitos.

2 SIGNIFICADO E TIPOLOGIA DE CONFLITO

O conflito pode ser definido de forma variada pelos estudiosos. Para Almeida (1994, p.70) conflito é uma relação particular entre estados ou facções rivais dentro de um estado que implica tensões manifestadas em subjetividade e hostilidades econômicas ou militares. Correia

(2002), por sua vez, vê o conflito como uma luta pelos valores, em que, os objetivos das partes conflitantes é de prejudicar ou eliminar seus rivais.

Foram identificadas duas grandes categorias de conflitos. Conflitos internos (ou conflito intra-estados) é aquele em que o governo e as autoridades de um estado são opostos por grupos dentro desse estado, procurando derrubar essas autoridades com a força de armas (Correia, 2002 p. 23). O conflito também pode ser visto como aquele em que, a violência armada ocorre principalmente dentro das fronteiras de um único estado (Correia, 2002). Conflito internacional ou conflitos interestaduais, por outro lado, ocorrem entre mais nações e envolve forças de mais de um estado (Ferreira, 2001 p. 60).

Ferreira (2001) também ressalta que é provável que a África experimentou ambos os tipos de conflito ao longo dos anos. No entanto, a África também testemunhou um terceiro tipo de conflito, a saber, "Conflito armado interno internacionalizado". Esses conflitos, que são essencialmente guerras civis, têm vários graus de envolvimento externo. Exemplos incluem os conflitos na República Democrática do Congo (RDC), Angola e Serra Leoa.

3 UMA VISÃO DA ÁFRICA NAS TEORIAS GEOPOLÍTICAS CLÁSSICAS

De acordo com Correia (2002), uma das principais características da África é a enorme quantidade de estados encravados, sem acesso ao mar. Mali, Burkina Faso, Níger, Chade, República Centro Africana, Uganda, Ruanda, Burundi, Zâmbia, Malawi, Zimbabué, Botswana, Lesotho, Suazilândia e mais recentemente Etiópia (que perdeu a sua costa marítima com a independência da Eritreia), estão limitados nas suas potencialidades pela falta de acesso ao mar. A República Democrática do Congo, embora tenha um pequeno porto de acesso ao mar, está claramente geobloqueada, tendo em conta a sua enorme massa territorial.

O caso da Etiópia é paradigmático de um foco de conflitualidade, pois quando a Eritreia se tornou independente, a Etiópia perdeu o seu acesso ao mar, e poderá tentar recuperá-lo num futuro próximo. Entretanto, tem estendido a sua influência ao vizinho Djibuti, atual ponto de saída das suas mercadorias para o mar. Por outro lado, segundo Correia (2004, p.15) "olha para a caótica Somália, pode ter pretensões de anexar territórios que lhe garantam o acesso à costa".

No que diz respeito às teorias geopolíticas tradicionais (onde se incluem teóricos como Mahan, Mackinder, Haushoffer e Spykman), Correia (2004), ressalta que:

A África aparece muitas vezes como um continente ignorado. As teses do poder marítimo, por exemplo, nunca explicaram as razões que impediram o desenvolvimento de talassocracias no continente africano. Mackinder, o principal

teorizador do poder terrestre, situou-a inegavelmente ligada com a Europa e a Ásia, embora tivesse nela distinguido um “Heartland” do Sul. As teses do poder aéreo, exploradas por Renner ou Seversky, mostram África como um continente isolado, alheado das principais rotas transoceânicas. Para Spykman, África faz parte das “Ilhas e Continentes Exteriores”, afastada da zona pivot do “Heartland” e também do “Rimland”. (CORREIA, 2004, p. 28)

Como se vê, a África ou é ignorada, ou surge numa posição de submissão face a potências externas à área, que se servem dela como fonte de matérias-primas e que usufruem da acrescida profundidade estratégica que ela lhes confere. Na verdade, se a África conseguir estabilidade e combater a violência e a pobreza quase endêmicas, tem grandes trunfos a seu favor.

Segundo Correia (2002), o chamado “Heartland” do Sul, que têm o seu epicentro na República Democrática do Congo e se estende por outros países, constitui um verdadeiro apoio natural, autossuficiente em recursos e com potencialidade para dele emergir um grande poder continental. Por outro lado, a África do Sul ocupa uma posição privilegiada no Cone Austral, servindo de articulação entre o Atlântico e o Índico, por onde passa grande parte do tráfego marítimo mundial.

Por último, um país como a Angola, pode desenvolver grandes capacidades, adquirindo capacidade de projetar a sua influência não só no Cone Austral, mas principalmente no Heartland do Sul dada a posição hegemónica que a África do Sul ocupa no primeiro. Além do mais, está posicionada para estabelecer importantes parcerias estratégicas do outro lado do Atlântico, especialmente com o Brasil.

4 DETERMINANTES DOS CONFLITOS NO CONTINENTE AFRICANO

Os conflitos na África podem ter sido causados por uma multiplicidade de fatores como: fronteiras arbitrárias criadas pelas potências coloniais, composição étnica heterogênea dos estados africanos, política inepta de liderança, corrupção, efeito negativo do peso da dívida externa e da pobreza.

O processo de colonização europeu implantado no continente africano durante o século XX, foi o principal fator de origem dos conflitos na África. Devido ao intenso desenvolvimento industrial, as grandes potências europeias, impulsionaram a exploração do continente africano, como forma de garantir o abastecimento de matérias-primas em suas indústrias.

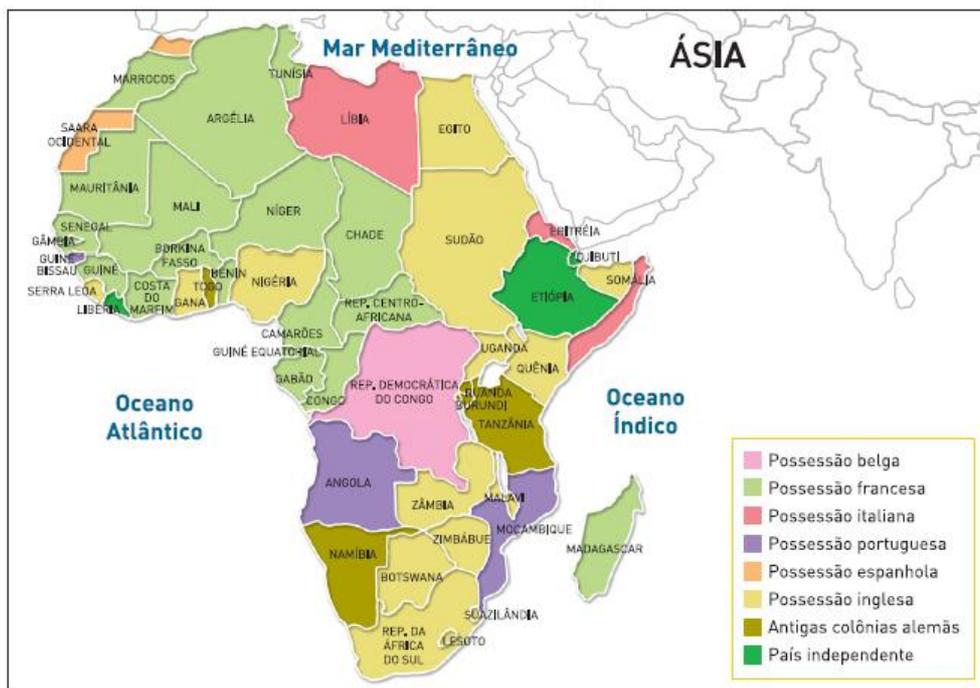
Segundo Visentini e Ribeiro (2007), ressaltam que:

a colonização europeia conduz ao surgimento de guerrilhas africanas, em prol da independência nacional, sendo que muitas têm continuado, em tempos hodiernos, nas disputas pelo poder. A partir disso, observa-se que a formação de nações africanas, na segunda metade do século XX, recrudescer diversos conflitos no continente africano. Então, muitas ressurgências culturais, entre grupos diferentes no continente, devem passar por um estudo etiológico. (VISENTINI; RIBEIRO, 2007, p. 15).

Sendo assim, o continente africano foi “repartido” entre os países europeus que implantaram um sistema imperialista, desrespeitando a cultura e a diversidade étnica na região. De acordo com Wesseling (1998), a diferenciação cultural é usada como pretexto para a colonização, visto que a sociedade europeia julga a sua cultura superior à africana.

O processo de divisão do continente africano foi definido pela Conferência de Berlim nos anos de (1884-1885).

Figura 1. Domínios coloniais na África (1884-1885)



Fonte: Adaptado de L'Atlas Jeune Afrique du continent africain. Paris: **Les Editions du Jaguar**, 1993.

De acordo com Visentini (2012), desde a Conferência de Berlim, marco do início da colonização na África, até o começo da descolonização, foram, aproximadamente, 75 anos. Este tempo significou a introdução da dinâmica de produção e consumo do capitalismo nos países africanos, a inserção do continente na economia internacional e o surgimento dos movimentos de independência política dos países africanos.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, há um enfraquecimento das potências europeias, portanto, os países africanos foram conquistando a sua independência. Entretanto, apesar de terem se tornado independentes, a maior parte dos estados, desenvolveu-se sem uma identidade nacional ou condições básicas de sobrevivência, devido a uma colonização que se fundamentou na exploração dos recursos naturais do continente e na produção de produtos agropecuários, proporcionando estados enfraquecidos, e não favorecendo para o desenvolvimento econômico e social.

Desde o período da descolonização, a África é área com maior número de conflitos armados no globo terrestre, em comparação com sua população (VISENTINI, 2012). E muitos pesquisadores associam o subdesenvolvimento no continente africano à pobreza e à fragmentação étnica nos Estados, a exemplo de Wesseling (1998), contando que o aspecto econômico tende a prevalecer. Entretanto, muito antes dos indicadores econômicos, há outras características que explicam o atual momento na África.

De acordo com Visentini e Ribeiro (2007), sob a análise da sociedade africana, a inserção de uma comunidade diferente em outra área ocasiona um choque cultural, de tal maneira que se torne um dos primeiros fatores de conflitos armados.

Além destes aspectos, vale ressaltar que com toda esta conjuntura exposta, grande parte dos países da África não foram formados a partir de uma nação ou da própria convivência natural de várias nações, mas sim, por um conjunto de etnias, caracterizando características culturais muito diferentes, que mesmo após a independência e formação dos estados, continuam a fazer parte de um mesmo território.

Deste modo, sem a interferência das potências europeias, que antes reprimiam os conflitos em território africano com extrema violência, surgiram vários conflitos internos na maioria dos países africanos. Os conflitos mais violentos aconteceram em Ruanda, Mali, Senegal, Libéria, Congo, Somália, Serra Leoa, Sudão, e Nigéria, em que, alguns se penduram até os dias atuais, sendo motivados por razões étnicas, religiosas e territoriais, etc., toda esta abordagem será retrata na próxima seção.

5 A ÁFRICA EM CONFRONTO – QUESTÕES ÉTNICAS, TERRITORIAIS, RELIGIOSAS E DE RECURSOS NATURAIS

A África em geral, e alguns países em particular, naufragou em conflitos internos, sendo motivados por que questões étnicas, religiosas, territoriais, e disputa por recursos naturais.

De acordo com dados fornecidos pela (ONU) Organização das Nações Unidas,

A África é o segundo maior e mais populoso continente do mundo. É também o continente com maior número de conflitos duradouros em todo o planeta. De um total de 54 países que compõem a África, 24 encontram-se atualmente em guerra civil ou em conflitos armados, de acordo com um levantamento do site Wars in the World. As batalhas mais devastadoras ocorrem, hoje, em Ruanda, Somália, Mali, República Centro-africana, Darfur, Congo, Líbia, Nigéria, Somalilândia e Puntlândia (Estados declarados independentes da Somália em, respectivamente, 1991 e 1998). Esses combates envolvem 111 milícias, guerrilhas, grupos separatistas ou facções criminosas. (ORGANIZAÇÕES DAS NAÇÕES UNIDAS, 2005)

Os conflitos em África são diversos e complexos, e os esforços para gerenciá-los e resolvê-los são mistos. Em alguns aspectos, a notícia é boa, segundo as Organizações das Nações Unidas, o número de conflitos parece estar em uma trajetória descendente desde a década de 1990 e início dos anos 2000. Muitos conflitos africanos foram resolvidos e a paz voltou a uma série de sociedades anteriormente afetadas pela violência organizada.

A criação organizações regionais africanas com mandatos relativamente robustos na arena da paz e da segurança oferece uma base institucional aprimorada que inclui uma forte rede de organizações continentais e sub-regionais. Uma série de grandes figuras regionais, incluindo o falecido Nelson Mandela, o ex-presidente sul-africano Thabo Mbeki e o ex-secretário-geral da ONU, Kofi Annan, desempenharam papéis significativos na mediação no continente.

Várias instituições da sociedade civil dedicadas à pesquisa de políticas públicas, paz e segurança ou resolução de conflitos fornecem uma confiança para o desenvolvimento de políticas e lições aprendidas.

No entanto, a necessidade de gerenciamento de conflitos ultrapassa a demanda. Os conflitos não tradicionais envolvendo grupos como Boko Haram, Al-Qaeda no Magrebe Islâmico (AQMI), fizeram manchetes mundiais por sua violência e extrema hostilidade em relação a seus governos e sociedades. Esses conflitos não tradicionais envolvem atores não estatais cujas motivações e meios de operação são apenas vagamente compreendidos pelas instituições oficiais (FERREIRA, 2001). Os conflitos baseados em identidade, que refletem as divisões étnicas, religiosas e tribais, entraram profundamente na sociedade e exigem o gerenciamento de conflitos nos níveis de base, de instituições sociais, bem como nos níveis político e nacional. Outros elementos - migração, preocupações com a saúde, pobreza, desemprego - continuam a ser socialmente desestabilizadores (FISAS, 2004). Embora a rede formal das instituições africanas de gestão de conflitos possa ter uma aparência robusta, a sua

capacidade é bastante limitada e as relações entre os governos africanos podem impedir a cooperação.

Outro fator de importância para a origem dos conflitos são os recursos, atualmente é aceito que recursos naturais podem tanto iniciar como manter um conflito violento. Segundo Ferreira (2001):

Tais conflitos se desenvolvem em torno de acesso, distribuição e direitos de posse sobre recursos naturais e os lucros podem tornar-se um motivo de sustentação desses conflitos. Consequentemente, uma vez que a fonte é retirada, o sustento do conflito torna-se difícil. (FERREIRA, 2001, p. 22)

Ferreira (2001) ressalta o conflito na República Democrática do Congo, sendo palco da segunda maior missão de paz da ONU, com mais de 19 mil soldados. Nesse país gigantesco no coração da África, os soldados asseguram uma paz frágil, selada em 2003, que interrompeu quase uma década de guerra.

A origem do conflito remonta à 1994, quando centenas de milhares de refugiados hutus de Ruanda ingressaram no leste do país, desestabilizando a região, habitada pelos tutsis. Apesar do término oficial da guerra, a tensão étnica prossegue no Leste, onde milícias rivais e tropas do governo se enfrentam e disputam o controle das riquezas minerais da região, principalmente diamante e ouro. A violência atinge essencialmente a população civil, vítima de massacres e estupros, apesar da presença de tropas da ONU. Segundo o Comitê Internacional de Resgate, mais de 5 milhões de pessoas morreram no país entre 1998 e 2008, em sua maioria de fome e de doenças.

Outro país analisado pela autora é o Mali, em que as disputas se intensificam devido aos recursos naturais e as diferenças étnicas, o país é muito rico em matéria prima útil à grande indústria americana e europeia, (ouro, urânio, fosfato, caulim, sal e calcário) e uma vez que não poderia abrir mão destes recursos, é a própria Europa e os Estados Unidos que fomentam e alimentam estes conflitos de forma a gerir indiretamente o acesso às matérias primas. Chaliand (1982) ainda expõe que:

a região vive na pele as consequências de fronteiras impostas em função de interesses imperialistas europeus, resultando em problemas que se arrastam até hoje. Diversas nações foram fracionadas sob o mesmo território a partir de hierarquias artificialmente criadas e desigualdades de toda ordem entre os povos, em que, a população acaba naufragando na pobreza generalizada e na falta de políticas públicas. (CHALIAND, 1982, p. 25)

Portanto, é evidente que as guerras na África, ocorreram devido a uma variedade de questões - terra, recursos, poder político, lucros, segurança, religião e identidade. Na maioria

dos casos, essas questões se cruzam. Os conflitos que começam como lutas elite pelo poder rapidamente se transformam em violência baseada na identidade, pois membros de um grupo religioso ou étnico visam membros de outros grupos.

Figura 2. Principais Causas dos Conflitos na África



Fonte: Repositório Unb. Disponível em: <http://www.repositorio.unb.br/> Acesso em: 25/05/2019.

Esses conflitos são agravados por outras dificuldades, algumas das quais são universais (por exemplo, a corrupção), de acordo com informações da ONU (2003),

a própria União Africana reconhece o impacto debilitante da corrupção sobre a estabilidade política e socioeconômica dos estados africanos. Isso talvez explique a adoção da "Convenção de África sobre Prevenção e Combate à Corrupção" pela 2ª Sessão Ordinária da Assembléia da União em 11 de julho de 2003. A convenção destina-se, entre outras coisas, a promover e fortalecer o desenvolvimento na África. por cada Estado Parte, dos mecanismos necessários para prevenir, detectar, punir e erradicar a corrupção nos setores público e privado. (ORGANIZAÇÕES DAS NAÇÕES UNIDAS, 2003)

Infelizmente, a realidade na maioria dos países africanos revelaram que grande parte dos líderes são fracos, corruptos e antipatriótico. Além de retardar a integração nacional e os desenvolvimentos socioeconômicos, as atitudes desses governantes desencadearam a

violência sangrenta generalizada. As guerras civis sudanesas, nigerianas, argelinas e liberianas emprestam credibilidade ao fato de que os líderes africanos não conseguiram forjar a unidade nacional em seus respectivos países. A julgar pela observação acima, não podemos deixar de concordar com Visentini (2009), quando afirma que:

o que os países africanos faltaram durante a maior parte da sua história, como estados independentes são líderes que são unifiers, chefes no verdadeiro sentido, que atacam feridas, mantêm tudo e todos juntos, mobilizam e motivam seus povos, perseguem uma política de inclusão e não exclusão e são vistos por todos e todos como sendo de maior integridade e além de suspeita. (VISENTINI, 2009, p. 11)

Política, má governança, corrupção e pobreza estão intimamente relacionadas a Nigéria, sendo uma consequência da outra. A política nigeriana é movida pelo dinheiro e o país é considerado como um dos mais corruptos. Quando só a corrupção não funciona, os políticos apelam para “chefões”, e por vezes para grupos como o Boko Haram, que usam da violência para intimidar os oponentes e manter o poder em suas áreas de influência. A população nigeriana é em sua maioria pobre e sofre com aumento de preços, a estagnação dos salários, péssima infraestrutura e problemas crônicos de energia elétrica.

Segundo Visentini (2012), a má governança provoca desgosto e frustração da população, perfazendo as condições para o crescimento de grupos extremistas que usam esses problemas, além da questão religiosa, para se fortalecer e ganhar seguidores.

Um dos atos que ficou marcante na história da Nigéria foi o sequestro realizado pelo grupo Boko Haram no dia 14 de abril de 2014, sequestrando 276 meninas em uma escola de Chibok. “Muitos ativistas pelos direitos humanos afirmaram que as meninas podem ter sido vendidas como escravas a membros do grupo ou utilizadas como bombas humanas nos ataques dos jihadistas.” Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/08/sequestro-de-estudantes-pelo-boko-haram-na-nigeria-completa-500-dias.html> Acesso em: 25/05/2019

Vale ressaltar também o caso de uma das guerras civis mais destrutivas e persistentes e, no entanto, pouco conhecida em todo o mundo, decorre num país da África Ocidental - a Libéria. Segundo informações das Organizações das Nações Unidas, desde que, o conflito se iniciou, há cinco anos, mais de 800.000 liberianos, de uma população total de 2.4 milhões, foram forçados a exilar-se. Um número semelhante, se não superior, de pessoas foram deslocadas no interior do próprio país. Destas, meio milhão não são abrangidas pelos programas de assistência de emergência.

Podemos citar também o genocídio de 1994 em Ruanda cerca de 800 mil ruandeses foram massacrados, devido os conflitos entre os grupos étnicos hutus (90% da população) e

tutsis (9%), até os dias atuais a população sofre com as consequências do conflito, convivem com vários problemas socioeconômicos, vivendo abaixo da linha da pobreza, subnutrição e alta taxa de mortalidade infantil. O mesmo pode ser dito sobre a Serra Leoa, em que cerca de 200 mil pessoas foram mortas durante a guerra civil do país entre 1991 e 2001.

Entretanto talvez a situação mais patética tenha ocorrido no Sudão. A guerra civil no Sudão foi uma das maiores e mais caras do continente, com estimativas de dois milhões de vidas perdidas para a guerra (Global Coalition, 2004).

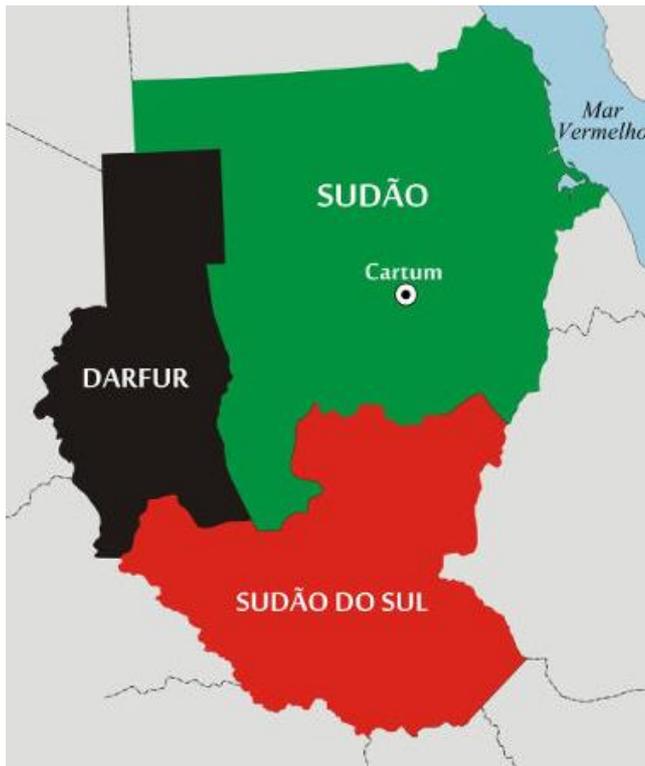
De acordo com SCHNEIDER (2008, p. 55), no Sudão

Conflitos históricos e disputas internas acontecem em seu território desde a sua independência frente ao Reino Unido, concretizada na década de 1950. Desde então, já ocorreram guerras civis e até a independência do Sudão do Sul, que era uma região de maioria cristã, em contraste com a maioria islâmica do norte. Após a independência do Sudão do Sul os conflitos com os vizinhos do norte foram retomados em função das indefinições no estabelecimento das fronteiras entre os dois países, que disputam regiões ricas em petróleo. Em resumo, pode-se dizer que uma guerra civil (até então, a mais longa em atividade na África), em vez de acabar, foi apenas transformada em um conflito internacional.

Além do embate entre o norte e o sul, os conflitos de atualmente se concentram na região de Darfur, uma província semiárida na região Oeste do Sudão. Segundo a Organização das Nações Unidas, mais de 300.000 pessoas já foram mortas e mais de 2,7 milhões tiveram de abandonar suas áreas de origem, migrando principalmente para o Chade, país vizinho a oeste.

De acordo com SCHNEIDER (2008), as causas dos conflitos de Darfur estão nos desníveis regionais em termos de desenvolvimento social e atuação do governo do Sudão. Sob a alegação de que o poder público sudanês abandonou completamente as regiões do oeste, grupos armados de maioria não árabe ergueram-se e começaram a atacar alvos do governo, que responde, desde então, pesadamente com ataques diretos e também com o auxílio de milícias e organizações armadas, embora os órgãos oficiais do país neguem essa prática.

Figura 3. Localização Geográfica do Sudão, Sudão do Sul e Darfur



Fonte: www.lume.ufrgs.br.

Portanto, de acordo com as informações transpostas na Figura 3, a oeste, a região de Darfur, que luta contra o governo com sede em Cartum, a capital do Sudão. Ao sul, o Sudão do Sul, que, embora esteja em uma trégua temporária, mantém uma relação instável com o norte, sobretudo pela disputa de fronteiras e pelo escoamento da produção de petróleo por gasodutos que passam pelo território sudanês.

A Somália também enfrenta uma intensa guerra civil, o governo desapareceu após a queda da ditadura pró soviética, em 1991. Os "senhores da guerra" tomaram conta do país esfacelado. Desde então, a Somália vive em guerra civil intermitente, a qual matou dezenas de milhares de somalis. Não existe mais unidade nacional, e o país fragmentou-se em regiões. Em 1991, surgiu a Somalilândia, que chegou a declarar sua independência da Somália no mesmo ano. Apesar da sua relativa estabilidade, em comparação com a tumultuosa região sul, não foi reconhecida como estado independente por nenhum governo estrangeiro.

Atualmente a Somália vivencia o pior ataque terrorista da sua história, passando de 300 o número de mortos, foram dois ataques em sequência na capital da Somália. No mais mortal, um caminhão carregado de explosivos foi colocado em uma esquina movimentada do coração de Mogadíscio próximo a um caminhão de combustível, o que aumentou o poder de destruição. Uma bola de fogo varreu quarteirões inteiros. Uma bola de fogo atingiu quarteirões inteiros, a

explosão atingiu hotéis, embaixadas, prédios do governo. Disponível em: <http://g1.globo.com/noticia/2017/10/passa-de-300-o-numero-de-mortos-no-pior-ataque-terrorista-da-somalia.html> Acesso em: 25/05/2019.

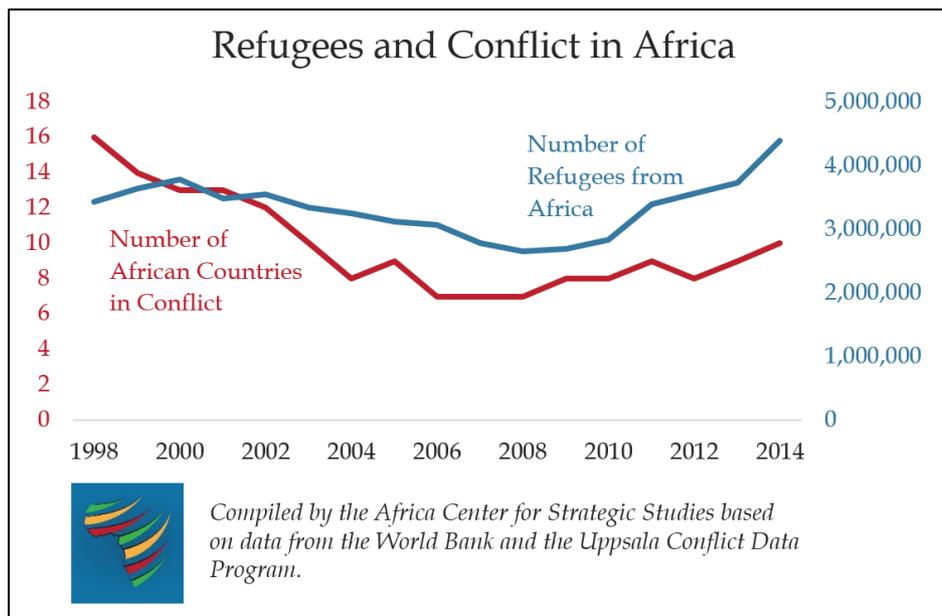
O governo da Somália acusa o Al-Shabab pelo atentado. O grupo terrorista ligado à Al-Qaeda briga para dominar o país, que vive em uma guerra civil desde a década de 1990.

Isto posto, os conflitos além de proporcionar todo este caos nos países africanos, a outro fator sendo consequência desses conflitos armados, o número de refugiados, milhares de africanos abandonam as suas regiões de origem para se refugiarem em zonas de maior segurança fora das fronteiras dos seus países. De acordo com Braga (2011):

O termo refugiado aplica-se a qualquer pessoa que, receando com razão, ser perseguida em virtude da sua raça, religião, nacionalidade, ligação em certo grupo social ou das suas opiniões políticas, se encontra fora do país da sua nacionalidade e não possa, ou em virtude daquele receio, não queira requerer a proteção daquele país; ou que, se não tiver nacionalidade e estiver fora do país da sua anterior residência habitual após aqueles acontecimentos, não possa ou, em virtude desse receio, não queira lá voltar. (BRAGA, 2011, p. 18)

Abaixo na Figura 4, é exposto o número de refugiados na África entre os anos de 1998 e 2014.

Figura 4. Número de conflitos e refugiados na África, entre os anos de 1998/2014



Fonte: <http://www.acnur.org.br>.

Ao analisar a Figura 4, percebemos que houve uma diminuição dos conflitos se comparamos os anos de 1998 e 2014, entretanto o ano de 2014 é marcado por um número muito maior de refugiados do que no ano de 1998.

De acordo com Braga (2011), isto ocorre devido estes conflitos distinguir-se dos tradicionais combates interestatais por não buscarem unicamente a destruição de forças inimigas e a ocupação de territórios, mas principalmente a pilhagem e o domínio da população local. Os habitantes destas regiões veem-se forçados a abandonarem seus lares, a fim de fugir dos efeitos causados pelos conflitos. Enquanto alguns buscam outras áreas do próprio país para viver – os chamados deslocados internos –, outros atravessam a fronteira e rumam para outro Estado em busca de proteção. O destino dessas pessoas é, na maioria dos casos, um só: um campo de refugiados.

Por fim, na próxima seção, será exposto possíveis soluções para os conflitos no continente africano, considerando a problemática que os países vivenciam constantemente, como já foi supracitado nas seções anteriores.

7 CONFLITUALIDADE – POSSÍVEIS SOLUÇÕES

Como uma saída para a situação das guerras e dos conflitos que prejudicaram a África, é pertinente oferecer algumas sugestões valiosas com base em uma análise aprofundada das causas do problema. Nesse sentido, duas grandes soluções amplas podem ser experimentadas para libertar África de conflitos e guerras recorrentes.

A primeira sugestão está relacionada a liderança comprometida e sincera, os estados africanos precisam de líderes comprometidos e sinceros que liderem e que atuem com responsabilidade para todas as seções e povos componentes em seus países, de modo a promover a paz e a harmonia dentro dos limites de seus respectivos países. De acordo com Carvalho (2010), isso pode ser feito de várias maneiras:

1-Distribuição uniforme de recursos: os líderes africanos devem garantir uma distribuição uniforme de recursos entre as várias zonas geopolíticas em seus países. A marginização de uma unidade/grupo não deve ser permitida para ganhar o apoio e a cooperação de todos e para evitar qualquer sentimento de alienação; 2- Promoção da regra da lei: os líderes africanos também devem se esforçar para promover o estado de direito. Isso envolve acesso igual a justiça por todos os cidadãos, independentemente do seu status, respeito pelas decisões judiciais pelo governo e influente, e realização de eleições periódicas e legais, entre outras. Quando e onde os líderes promovem o estado de direito, como indicado acima, há uma garantia da coexistência pacífica entre as pessoas e uma transição pacífica de poder de um

governo para o outro. Os conflitos relacionados à disputa de sucessão que são muito desenfreados na África podem, assim, ser facilmente eliminados; 3- Proteção dos direitos humanos fundamentais, os líderes africanos também devem promover, proteger e garantir os direitos humanos fundamentais de seus cidadãos. Em particular, os direitos fundamentais da liberdade de expressão, associação e religião devem ser garantidos. As pessoas devem ser livres para avaliar e criticar o desempenho do governo sem medo de perseguição. A oposição deve ser tolerada enquanto o quarto domínio do governo, a imprensa, não deve ser censurado. Nestes sábios, os governos sempre seriam mantidos em seus dedos para fornecer liderança qualitativa e sincera em seus países. (CARVALHO, 2010, p. 70)

Outra sugestão de modo a amenizar os conflitos na África, é a erradicação da pobreza. Sem muita controvérsia, a pobreza é a raiz de todos os males na África. Um pobre homem, que foi humilhado economicamente e financeiramente traumatizado, pode não ser dito em seus sentidos certos. Portanto, pode ser apropriado observar que um homem faminto é um homem louco. Ele pode roubar, matar, mutilar e destruir. A pobreza degrada um homem e afeta sua psicologia negativamente.

Por isso, um importante instrumento de política para a paz e a estabilidade na África que vivencia intensas guerras e conflitos é a erradicação ou, na pior das hipóteses, a redução da pobreza. De acordo com Carvalho (2010) isso pode ser alcançado de várias maneiras, conforme sugerido abaixo:

- 1- Igual acesso à educação qualitativa, os governos da África devem dar aos seus cidadãos igual acesso à educação qualitativa. A importância da educação para o desenvolvimento socioeconômico de uma nação foi bem articulada no Objetivo de Desenvolvimento do Milênio. A educação, sem dúvida, é uma alavanca para o desenvolvimento humano e social. Além de transmitir habilidades e conhecimentos aos cidadãos, também eliminará a ignorância. A educação também capacitará os cidadãos para o emprego no futuro. Isso torna o trabalho mais móvel em todo o mundo. As oportunidades de sobrevivência estão muito disponíveis para as pessoas educadas;
- 2- Provisão de emprego remunerado para os jovens, os governos da África também devem se esforçar para proporcionar emprego remunerado a todos os seus cidadãos, especialmente os jovens. Indústrias e fábricas devem ser estabelecidas para absorver os recém-formados de instituições de ensino superior em países africanos. O governo também deve incentivar a agricultura através da agricultura mecanizada. Devem ser fornecidos implementos agrícolas e tecnologia para agricultores a preços acessíveis. Além de erradicar o problema da fome, isso sem dúvida aumentará igualmente o empoderamento econômico dos jovens e erradicar a ociosidade;
- 3- Remuneração adequada dos funcionários públicos, os trabalhadores do

governo devem ser adequadamente remunerados. Seus salários devem ser suficientes para sustentar suas famílias. Isso ajudará a reduzir a incidência de apropriação indevida e desvio de fundos públicos que sempre privaram os governos africanos do tão necessário fundo para o desenvolvimento. (CARVALHO, 2010, p. 73)

Conclui-se que os povos da África não querem mais conflitos, querem sim a paz e a estabilidade, que proporcionam bem-estar. Que os políticos africanos compreendam que as populações do continente estão à espera de atos que vão ao encontro das suas reais aspirações. Trabalhar constantemente para o fim das guerras no continente tem de estar sempre na agenda dos políticos e governantes africanos.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a independência no final do século XX, os países africanos têm apostado no problema das guerras civis e dos conflitos interestatais. Durante o período de Guerra Fria, envolvendo os Estados Unidos e a União Soviética, ocorreu o financiamento de armamentos para os países africanos, fornecendo aparato técnico e financeiro para os distintos grupos de guerrilheiros, que muitas vezes possuíam – e ainda possuem - crianças que são forçadas, através de uma manipulação ideológica, a odiarem os diferentes grupos étnicos.

Esse é apenas um dos exemplos de conflitos de cunho étnico, porém como retratado no decorrer do artigo, à conflitos por disputas territoriais como Serra Leoa, Somália e Etiópia; questões religiosas, é o que acontece na Argélia e no Sudão, além de conflitos por recursos naturais como no Congo e no Mali, além de tantas políticas ditatoriais.

Todos estes aspectos tem afetado o desenvolvimento de África de várias maneiras, especialmente na alienação dos povos, impedindo o processo de integração.

Por fim, é necessário criar estabilidade na África, para que o continente possa testemunhar um crescimento e desenvolvimento de modo a competir favoravelmente com outros continentes do mundo. É necessário alcançar a paz, isso não só aumentará a segurança adequada da vida e da propriedade nos países africanos, mas também atrairá investidores estrangeiros para a adequada exploração de seus numerosos recursos naturais promovendo o crescimento e o desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Políbio Valente de. **Ensaio de Geopolítica**. 1ª Ed. Lisboa, ISCSP/IICT, 1994.

BRAGA, J. L. R. Os campos de refugiados: um exemplo de “espaços de exceção” na política contemporânea. In: **3º ENCONTRO NACIONAL ABRI 2011**. São Paulo: Associação Brasileira de Relações Internacionais, Instituto de Relações Internacionais – USP, 2011.

CARVALHO, Daniel Duarte Flora. **Conflitos no Chifre da África: Oportunidades e Constrangimentos da Difusão de Poder**. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) Programa pós Graduação em Relações Internacionais. San Tiago Dantas, PUC – São Paulo, 2010.

CHALIAND, Gérard. **A Luta pela África: Estratégias das Potências**. São Paulo: editora Brasiliense, 1982.

CORREIA, Pedro de Pezarat. **Manual de Geopolítica e Geoestratégia**. Vol 1. Conceitos, Teorias e Doutrinas, 1ª Ed., Coimbra, Quarteto, 2002.

CORREIA, Pedro de Pezarat. **Manual de Geopolítica e Geoestratégia**. Vol 2. Análise Geoestratégica de um Mundo em Conflito, 1ª Ed, Coimbra, Quarteto, 2004

FERREIRA, P. M. **Conflitos em África Guerras do esquecimento: Causas e Natureza dos conflitos na África Subsaariana**. Lisboa: Instituto Estudos Estratégicos Internacionais. nº 15, 2º sem, 2001.

FISAS, Vicenç (2004) – **Cultura de Paz y Gestión de Conflictos**. Barcelona: Ediciones UNESCO, 4ª Edição. ISBN 84-7426-357-3.

G1 GLOBO. **Ataque terrorista na Somália**. Disponível em: <http://g1.globo.com/noticia/2017/10/passa-de-300-o-numero-de-mortos-no-pior-ataque-terrorista-da-somalia.html> Acesso em: 25/05/2019.

G1 GLOBO. **Sequestro de estudantes Boko Haram na Nigéria**. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/08/sequestro-de-estudantes-pelo-boko-haram-na-nigeria-completa-500-dias.html> Acesso em: 25/05/2019.

NAÇÕES UNIDAS. **Relatório Conflitos na África – Comissão Internacional - 2005**. Disponível em: <http://www.un.org.br>. Acesso em: 28/05/2019

NAÇÕES UNIDAS. **Sítio de Missão da ONU - 2003** Disponível em: <http://www.un.org/Depts/missions/bsckground.html> Acesso em: 27/05/2019.

SCHNEIDER, Luiza G. **As Causas Políticas do Conflito no Sudão: Determinantes estruturais e estratégico**. Monografia (graduação em Relações Internacionais) UFRGS, Porto Alegre, 2008.

VISENTINI, P.F; RIBEIRO, L. D. **Breve História da África**. Porto Alegre, Leitura XXI, 2007.

VISENTINI, P. F. **Os Países Africanos: Diversidade de um continente**. Porto Alegre, Leitura XXI, 2009.

VISENTINI, P. F. **As revoluções Africanas: Angola, Moçambique e Etiópia**. São Paulo, Unesp. 2012.

WESSELING, H.L. **Dividir para dominar: A partilha da África (1880-1914)**. Rio de Janeiro: UFRJ/Revan, 1998.